



GNOSIS – GNOSTICISMO. UMA INTRODUÇÃO

Joaquim Carreira das Neves

Universidade Católica Portuguesa

109

Abertura

O gnosticismo, baseado no conhecimento único – a gnose –, é um sistema filosófico e teológico de cristãos que viveram nos séculos II-IV (V), sobretudo no Egito e Síria. Como veremos, é um sistema de sistemas de acordo com os «mestres» fundadores dos sistemas.

Até às últimas descobertas da biblioteca de *Nag-Hammadi*, conhecíamos estes sistemas filosófico-teológicos através dos Padres da Igreja (sobretudo dos heresiólogos, isto é, que viam nos vários gnosticismos uma heresia), que referiremos nas Fontes. Durante muito tempo, mas sobretudo nos séculos XIX e XX, alguns estudiosos julgaram estes Padres da Igreja como autores pouco recomendados no estudo do gnosticismo uma vez que partiam do pressuposto da heresia dos gnósticos a evitar pela Igreja ortodoxa. Hoje em dia, depois das descobertas da literatura gnóstica em *Nag-Hammadi* e noutros códices, conclui-se pela seriedade da apresentação dos mesmos, quanto aos conteúdos, mas sempre em perspectiva apologética.

Definir o que é o gnosticismo, que se confunde com a gnose, é um trabalho árduo e complexo porque, como dissemos, há muitos gnosticismos ou escolas gnósticas entre os séculos II-V. Mas todos os grupos gnósticos partem do princípio ou da crença de que existe no homem uma faúlha ou centelha divina, encerrada no seu mundo e corpo material, que deve ser libertada ou redimida, para regressar à sua origem do Pléroma divino. O processo gnóstico consiste nesta viagem de um mundo superior que, através de emanações – os célebres arcontes – contacta com a faúlha divina, encarcerada no corpo do mundo inferior, operando a obra da redenção ou salvação. Mas quanto a definições, continuamos com dúvidas e reservas. Num dos melhores livros sobre o assunto, o do italiano Aldo Magris, o autor tem esta afirmação: «Os documentos gnósticos são, de facto, e em primeiro lugar, uma grande criação do pensamento: não é por acaso que, desde sempre, suscitaram um grande interesse nos filósofos. Embora não sendo exclusivamente nem uma filosofia nem uma religião, o gnosticismo situa-se no espaço em que o pensamento filosófico e religioso aparecem intimamente ligados um ao outro»¹.

Historiadores, filósofos e teólogos, não vêem no gnosticismo uma religião paralela a tantas outras religiões, mas, na realidade, foi uma religião de contraste e oposição à grande igreja cristã em formação. Foi devido ao gnosticismo que os Padres da Igreja, em processo de defesa e apologia, apresentaram o «Cânone» do AT e NT como *norma*, e os Concílios como regra e Credo a seguir.

Os gnósticos foram homens e mulheres altamente intelectuais, sedentos de filosofia teológica para encontrarem a *verdade* sobre Deus, criação, mundo, bem e mal, redenção. Para tanto, recorrem às fontes literárias e filosóficas de Platão, à Bíblia do AT e NT e às religiões orientais, mormente iranianas.

¹ MAGRIS, Aldo - *La Logica del Pensiero Gnostico*. Brescia: Morcelliana, 1997, p. 10.



Os gnósticos floresceram no tempo em que o império romano abafava e martirizava a Igreja dos primeiros séculos. Com a liberdade de Constantino, essa mesma Igreja, com o cânone das Escrituras, a sua ortodoxia e doutrina, atacou as escolas gnósticas e seus livros e destruiu mosteiros e bibliotecas.

110

Apresentar uma Introdução à gnose e gnosticismo é, de facto, um trabalho fascinante e complexo, como dissemos. Para compreender esta gente, digna de toda a admiração intelectual e racional, devemos começar por apresentar as fontes históricas e literárias e, depois, percorrer as grandes etapas gnosiológicas dos diversos sistemas.

Fontes

Começamos pelos Padres da Igreja.

Justino. Justino morreu mártir em Roma pelo ano 165. Na sua primeira apologia ao imperador Antonino Pio refere os hereges gnósticos Simão, Menandro e Marcião. Apesar de todos os esforços para recompor a obra, não se conseguiu.

Ireneu de Lião. Ireneu de Lião (130/150-200), denominado pela Igreja Católica, Santo Ireneu, é, porventura, o maior escritor e apresentador das heresias gnósticas do seu tempo. Na obra, escrita em grego, mas que chegou até nós em latim, *Adversus Haereses* («Contra os Hereges»), começa por dizer que a escreve a pedido de um amigo que desejava conhecer as doutrinas do gnóstico e mestre Valentim e escola dos «valentinianos», de entre os quais sobressaem os alunos Ptolomeu e Marcos. Em trinta e um capítulos disserta sobre os valentinianos, mas também sobre Simão Mago e outras escolas gnósticas. Trata-se, evidentemente, de uma obra apologética e polémica e deve ser apreciada como tal, se bem que os conteúdos correspondam às descobertas modernas de *Nag-Hammadi*. A apreciação é deveras negativa, chamando «besta» à doutrina gnóstica, que se intrometeu no meio do rebanho cristão (*Ad. Haer.* I, 31, 4). Aliás, é o primeiro escritor a denominar, por três vezes, como *gnósticos* os seguidores deste sistema. Ireneu refere na primeira vez, que o subgrupo dos seguidores do alexandrino Carpócrates, a ensinar em Roma nos anos 160 sob a guia de uma sedutora profetiza chamada Marcellina: estes «chamam-se gnósticos»². Nas outras duas vezes fala-se de uma seita «apelidada 'seita gnóstica'» (*legoméne gnostikè háiresis*) cuja doutrina teria influenciado de modo determinante o pensamento de Valentim³.

Hipólito de Roma. Hipólito morreu por volta de 235 e foi discípulo de Ireneu. Escreveu a obra *Refutatio omnium haeresium* («Refutação de todas as heresias»), que também recebeu o título *Philosophoumena* («Ensinamentos filosóficos»). Trata-se de uma espécie de enciclopédia, dividida em duas partes: na primeira estuda os «erros» dos pagãos, filósofos, magos, astrólogos, e na segunda as heresias cristãs, num âmbito de trinta e três sistemas. É o único a apresentar a escola gnóstica dos «Naassenos» e a obra de Simão Mago «Grande Revelação». Segundo ele, os filósofos gregos são mais dignos do que os hereges cristãos, e estes não fazem mais do que distorcer o pensamento dos filósofos.

Tertuliano. Tertuliano viveu entre 150-223/225. Era jurista e escreveu contra os hereges gnósticos a obra *De praescriptione haereticorum* («Sobre a defesa contra os hereges»). A finalidade da obra consiste sobretudo em apresentar a ortodoxia

² *Adversus haeresis*, I, 25. 6. Cf. A. MAGRIS, *Idem*, p. 25.

³ *Idem, Ibidem*.



confrontada com a heresia. Assim nasce o princípio ortodoxo da *tradição apostólica*. É célebre a frase: «O que é que Atenas tem a ver com Jerusalém, a Academia com a Igreja, os hereges com os cristãos? Os nossos ensinamentos emanam do pórtico de Salomão, que ensinou que os homens devem procurar o Senhor com simplicidade do coração.»

111

Clemente de Alexandria. Clemente de Alexandria viveu entre 140/150-211-215. A cidade de Alexandria, naquele tempo, correspondia à velha Atenas, centro de todas as correntes filosóficas. Clemente conhecia as escolas gnósticas e procurava harmonizar a sabedoria cristã com o pensamento gnóstico. Chegou a ser classificado de gnóstico cristão. Escreveu três obras: *A Exortação aos Gregos*, o *Paedagogus* e o *Stromata*. No *Stromata* estende a *carpete* do diálogo entre os cristãos e a sabedoria dos gregos-pagãos. Para ele, «a vida do gnóstico não é mais do que obras e palavras que correspondam à tradição do Senhor»⁴. As citações de autores gnósticos são da máxima importância para o conhecimento das escolas gnósticas, sobretudo da obra de Valentim. Escreve:

Acerca das seitas (gnósticas), são denominadas de acordo com os seus fundadores, como é o caso de Valentim, Marcião e Basilides, que se orgulham em apresentar o pensamento de Matias (apóstolo). Mas há apenas uma doutrina de todos os apóstolos e apenas uma única tradição. Outras seitas são denominadas de acordo com o lugar como os Perateus, outras de acordo com o povo como é o caso da seita dos Frígios, outras de acordo com a conduta moral como é o caso dos encratitas (que proibiam o matrimónio e todos os actos sexuais), outras de acordo com as suas doutrinas especiais como é o caso dos Docetas e dos Hematitas, outras de acordo com as suas ideias e ritos como é o caso dos Canitas e dos Ofitas, outras de acordo com as suas práticas sem qualquer sistema de leis como é o caso dos Entiquitas entre os Simonitas⁵.

Orígenes. Orígenes morreu por volta de 253/254, e foi, juntamente com Clemente de Alexandria, um outro expoente do cristianismo de Alexandria. Como Clemente, estendeu o braço «ecuménico» ao pensamento gnóstico, combatendo-o, por um lado, mas sempre aberto ao diálogo entre a fé e a razão/conhecimento, por outro. Seguiu de perto o pensamento platónico da pré-existência da alma (as Ideias em Platão), a sua queda na matéria e o seu regresso (processo de redenção) a Deus. Foi o Padre da Igreja que mais escreveu, mas, infelizmente, a maioria das obras perderam-se. Tem oito livros de comentário ao quarto evangelho e é através do que chegou até nós deste estudo que podemos compreender o método simbólico e alegórico de Orígenes. Sem entrar no sistema dualista dos gnósticos com a floresta dos arcontes ou mediadores entre o Espírito e a matéria, procura penetrar, um pouco à maneira dos gnósticos, no sentido mais profundo e esotérico das Escrituras. É importante, para a compreensão dos gnósticos, a sua obra contra o gnóstico Celso.

Epifânio. Epifânio nasceu na Judeia por volta de 315 e morreu em 403. Fundou um mosteiro na Judeia apenas com vinte anos, segundo os moldes do monaquismo egípcio, presidindo ao mosteiro durante trinta anos. Foi eleito arcebispo de Chipre em 367. Tornou-se num paladino da ortodoxia contra a heresia, a começar pela «heresia» de Orígenes. Na sua obra *Ancoratus* («Firmemente ancorado» na ortodoxia) despreza a filosofia grega e a especulação teológica. Podemos classificá-lo de tradicionalista ou fundamentalista, contrário aos teólogos alexandrinos. A sua

⁴ *Strom.* VII, 104, 2.

⁵ RUDOLPH, Kurt - *Gnosis. The Nature & History of Gnosticism*. San Francisco: Harper San Francisco, 1987, p. 17. Seguimos de perto este autor na exposição dos Padres da Igreja.



obra mais vasta é o *Panarion*, que significa «Mala de medicina», escrita entre 374-377, que o classificou de «Patriarca da Ortodoxia». Os hereges são vistos como «animais selvagens», especialmente como «serpentes», cujo veneno põe doente a fé e é contra este estado de coisas que oferece a sua «mala de medicina». Apresenta oitenta heresias, vinte pertencentes à era pré-cristã, entre as quais a filosofia grega, e sessenta dentro da fé cristã. Os estudiosos concluem que o método seguido por Epifânio é pouco criterioso. Mas deve realçar-se o facto de ter convivido com alguns gnósticos, sobretudo com a escola dos Barbeliotes. Numa viagem ao Egipto por volta do ano 335, com o objectivo de melhor conhecer o monaquismo cristão, entrou nas malhas dos Berbeliotes e descreve as suas doutrinas e ritos de acordo com a sua convivência. Fez um relato à Igreja local que acabou por condenar alguns dos seus membros. Os estudiosos continuam a discutir estes métodos de Epifânio como «caçador de heresias» e a perguntar se Epifânio não inventou estas situações vivenciais. Depois da sua morte, um autor desconhecido apresentou um resumo da sua obra no livro *Anakephalaios* («Recapitulação»), muito usado posteriormente, por exemplo, por Santo Agostinho e São João Damasceno.

Depois de Epifânio, os autores apresentam como significativos para o nosso estudo Efrém de Edessa (306-373), importante para o estudo dos gnósticos e semi-gnósticos na Síria, Teodoro de Ciro (395-466), que escreveu cinco livros sobre a heresia, Santo Agostinho, que militou no maniqueísmo e, depois da sua conversão, escreveu um catálogo sobre as heresias (*De haeresibus*), dependendo em grande parte da «Recapitulatio» do pseudo Epifânio, e São João Damasceno (675-749), referido como o último Padre da Igreja. Damasceno escreveu a obra «Fonte do Conhecimento» e apresenta as novas «seitas» do islamismo: Ismaelitas, Hagarenos e Sarracenos.

Outros documentos

Corpus hermeticum. Trata-se de uma colecção de textos escritos em grego, do século segundo e terceiro d. C., do Egipto, em honra de *Hermes Trismegistos* («Hermes Três Vezes Grande»), personificação do deus egípcio da Sabedoria, Toht. É um produto de sincretismo religioso sobre a revelação da sabedoria em função do renascimento, libertação e redenção da alma. Em dezoito tratados, onde abunda a astrologia, magia, êxtase, mística, meditação, esconde-se um sistema gnóstico, sobretudo no primeiro tratado com o nome *Poimandres* («Pastor dos homens»). Não se trata de gnosticismo cristão, mas de misticismo neo-platónico, que terá influenciado o gnosticismo cristão e, mais tarde, na Renascença, muitos renascentistas, sobretudo na Itália de então. Há uma tradução em latim de Marsiglio Ficino, de 1463, e uma óptima tradução e introdução em francês e em quatro volumes de A.-J. Festugière.

Asclepius. Originalmente o texto, do século segundo, era em grego, mas chegou até nós em latim. O conteúdo doutrinal refere uma revelação de Hermes a Asclepius, e foi muito usado pelos gnósticos, também presente na biblioteca de Nag-Hammadi.

Pistis Sophia («Fé-Sabedoria»). Trata-se de quatro obras, do século segundo, escritas em copta, que chegou até nós em dois manuscritos do século quarto e quinto. É uma obra tipicamente gnóstica onde Jesus ressuscitado conversa com os seus discípulos, homens e mulheres, sobre a queda e redenção da entidade celestial chamada Pistis Sophia.



Os dois livros de Jeú. A obra vem na «Pistis-Sophia» com este título. Jesus ressuscitado aparece aos seus discípulos e revela-lhes os segredos do mundo gnóstico do além. Num fragmento suplementar descreve-se o mundo celestial da luz com os seres divinos, entre os quais sobressai Seth, figura icónica das doutrinas gnósticas, como acontece na obra de *Nag-Hammadi* com o nome *As Três Estelas de Seth*.

Papiro berlinense 8502. O papiro foi descoberto no século XIX, no Egito, e refere a importância do Egito na história da Gnose. Contém os textos gnósticos: «Evangelho de Maria», «Apocryphon (Livro Secreto) de João» e «Sophia de Jesus Cristo». As obras também aparecem em *Nag-Hammadi*, com a excepção do «Evangelho de Maria».

Odes de Salomão. Trata-se de uma pequena colecção de hinos em siríaco de âmbito doutrinal gnóstico. O Padre da Igreja Lactâncio, do século terceiro, refere-o e igualmente a «Pistis-Sophia». Como se trata de hinos (salmos) estabelece-se uma ponte entre a espiritualidade gnóstica e cristã.

Hino da Pérola. Do século terceiro e da Síria devemos realçar o «Hino da Pérola», que faz parte do apócrifo «Actos de Tomé». Judas Tomé canta o hino numa prisão do Egito para conforto dos prisioneiros. É, pois, um bom exemplar da poética gnóstica e das ligações entre o Egito e a Índia. Na história parabólica, um príncipe do oriente é enviado ao Egito para procurar o tesouro da pérola, que não é mais do que o mito gnóstico da libertação da alma do mundo das trevas para o reino da luz.

Mandeus. As comunidades dos Mandeus têm-se estudado muito a partir do século XIX, mas continuamos a saber pouco porque há muitos textos por publicar. Segundo Kurt Rudolph, um dos principais estudiosos destas áreas, que temos vindo a acompanhar, os Mandeus estão ligados sobretudo ao AT e a sua literatura apareceu pela primeira vez na Europa através das descobertas dos portugueses do século XVI. Os estudiosos reconhecem cada vez mais o âmbito religioso gnóstico dos Mandeus.

Biblioteca de Nag-Hammadi. A descoberta dos célebres manuscritos de *Nag-Hammadi*, que vão revolucionar os estudos gnósticos, devem-se a dois irmãos muito pobres da aldeia Al-Qasr wa al-Sayyad, que procuravam debaixo da terra fertilizantes para as suas terras. A aldeia situa-se entre Luxor e Assiut. Os dois camponeses, em Dezembro de 1945, em vez de fertilizantes encontraram uma grande jarra com códices lá dentro. A partir daqui, os treze códices em forma de livros, passaram por uma história dantesca e rocambolesca onde não faltaram assassinatos. Os códices foram parar às mãos do sacerdote cristão copta da aldeia, depois a um médico copta do Cairo e, em seguida, às mãos do conservador do Museu Copta do Cairo, Togo Mina. Entretanto, em 1947, aparece no Egito o francês J. Doresse, grande conhecedor do gnosticismo em língua grega e copta que, pela primeira vez, descobre a antiguidade e importância do achado. Por esse tempo apareceram mais códices gnósticos, que foram adquiridos pelo célebre psiquiatra suíço Jung, interessado nesta literatura. Depois de muitas peripécias, em 1949, o Governo egípcio apoderou-se de todos os códices e ficaram dentro duma mala selada até 1956. Em 1961, os especialistas H.-Ch-Puech e A. Guillaume informam a UNESCO da importância do assunto, pensando desbloquear, desta maneira, a situação. Aparece também a pessoa de J. M. Robinson, grande perito na matéria, que, sob a sua direcção, consegue que o «Institute for Antiquity and



Christianity» da Claremont Graduate School, na Califórnia, edite a primeira versão inglesa com o título *The Nag-Hammadi Library in English*. A partir daqui, surgiram estudos em todas as línguas modernas, com edições críticas, estudos exegéticos e históricos, comparando os textos de *Nag-Hammadi* com os Padres da Igreja e com os demais textos gnósticos já conhecidos. Na língua espanhola sobressaíram os investigadores António Piñero, José Montserrat Torrents e Francisco Garcia Bazán que traduziram todos os textos, com uma longa Introdução Geral, introduções particulares e estudos comparados sobre as doutrinas gnósticas mais significativas a cada escola. Desta tradução saiu a tradução portuguesa, da edição *Ésquilo*, em 1999. Qualquer leitor português tem ao seu dispor uma ótima edição crítica e consequentes estudos. Apresentamos, em primeiro lugar, os treze livros (códices) e, depois, faremos uma apresentação-introdução sumária das principais doutrinas gnósticas de *Nag-Hammadi*.

CÓDICE I (Códice Jung)

1. *Apócrifo (livro secreto) de Tiago.*
2. *Evangelho da Verdade.*
3. *Tratado sobre a Ressurreição ou Epístola a Regino.*
4. *Tratado Tripartido.*
5. *Oração do Apóstolo Paulo.*

CÓDICE II

1. *Apócrifo (livro secreto) de João (versão longa).*
2. *Evangelho de Tomé.*
3. *Evangelho de Filipe.*
4. *Hipóstase dos Arcontes.*
5. *Sobre a Origem do Mundo (primeira cópia).*
6. *Exposição sobre a Alma.*
7. *Livro de Tomé, o Atleta.*

CÓDICE III

1. *Apócrifo de João (versão breve).*
2. *Evangelho dos Egípcios.*
3. *Carta de Eugnosto, o Bem-Aventurado.*
4. *Sabedoria de Jesus Cristo.*
5. *Diálogo do Salvador.*

CÓDICE IV

1. *Apócrifo de João (versão longa).*
2. *Evangelho dos Egípcios.*

CÓDICE V

1. *Carta de Eugnosto, o Bem-Aventurado.*
2. *Apocalipse de Paulo.*
3. *Primeiro Apocalipse de Tiago.*
4. *Segundo Apocalipse de Tiago.*
5. *Apocalipse de Adão.*

CÓDICE VI

1. *Actos de Pedro e dos doze Apóstolos.*
2. *O Trovão, a Mente Perfeita.*
3. *Ensino Autorizado ou Discurso Soberano.*



4. *O Pensamento da Grande Potência.*
5. *Platão, República 588-689B.*
6. *Discurso sobre a Ogdóade e a Enéada.*
7. *Oração de Acção de Graças.*
8. *Asclépio.*

115

CÓDICE VII

1. *Paráfrase de Sem.*
2. *Segundo Tratado de Grande Seth.*
3. *Apocalipse de Pedro.*
4. *Ensinamentos de Silvano.*
5. *As Três Estelas de Seth.*

CÓDICE VIII

1. *Zostriano.*
2. *Carta de Pedro a Filipe.*

CÓDICE IX

1. *Melquisedeque.*
2. *O Pensamento de Norea.*
3. *Testemunho da Verdade.*

CÓDICE X

1. *Marsanes.*

CÓDICE XII

1. *A Interpretação do Conhecimento.*
2. *Exposição Valentiniana.*
3. *Allógenes.*
4. *Hipsífrone.*

CÓDICE XII

1. *Sentenças de Sexto.*
2. *Fragmentos do Evangelho da Verdade.*
3. *Fragmentos de procedência desconhecida.*

CÓDICE XIII

1. *O Pensamento Trimorfo.*
2. *Sobre a Origem do Mundo* (algumas linhas).

O que é a Gnose

Como vimos, existe em todos os grupos gnósticos o princípio ou a crença da existência de uma faúlha ou centelha divina, que caiu do Pleroma divino, origem de todas as coisas, no mundo material de trevas e escuridão, de que faz parte o corpo humano. Prisioneira deste mundo inferior, a faúlha divina suspira pelo regresso à sua origem ou morada, que acontece pelo processo da acção da gnose.

Muitos autores distinguem entre gnose e gnosticismo. Gnose refere este processo de queda e redenção da faúlha divina do mundo e do corpo material. Gnosticismo consiste nos diversos sistemas operativos da gnose.



Ireneu de Lião escreveu: «O homem espiritual é redimido através do conhecimento [...]. A perfeita redenção consiste no próprio conhecimento da grandeza divina»⁶. O bispo opunha a gnose-conhecimento do processo operativo da redenção da faúlha divina, encarcerada no corpo, à teologia ortodoxa cristã da graça e da fé.

116

Segundo o especialista António Piñero: «Assim entendida, a gnose nasce da angústia inerente à condição humana e pertence ao esforço comum e essencial de muitos movimentos espirituais idealistas. Representa uma sensibilidade metafísica essencial e é, no fundo, uma tentativa de compreensão das relações homem-divindade. Geralmente, o desejo desse «conhecimento» é como uma nostalgia das origens e procede do anseio humano para alcançar a unidade do conhecer e do ser, do desejo de fusão do homem com o Ser por antonomásia, do qual acredita proceder»⁷. Neste sentido, os gnósticos começam por mergulhar na fenomenologia da filosofia platónica ao apresentar as formas das entidades (Ideias) do mundo humano como reflexo das formas celestes que existem no seio da divindade.

Este processo especulativo abrange, portanto, todo o universo humano e divino e suas relações: Deus – mundo – homem – queda – redenção. O homem passa por uma tragédia (diferente de drama) de ser, ligado a Deus e longe de Deus, caído do Pléroma divino (Deus a-pessoal) e submerso na escuridão, filho de «Deus» e filho das trevas, em busca da sua origem. Esta busca faz-se pela gnose.

É fácil concluir que esta tragédia, pelo menos nalguns sistemas gnósticos, começa por se apresentar como uma luta titânica em parâmetros dualistas. Assim acontece com o maniqueísmo que defende os dois princípios originais, iguais e contrapostos, da Luz e das Trevas, do Bem e do Mal, da Matéria e do Espírito. Mas as escolas gnósticas mais avançadas partem de um monismo em que o Pléroma, o Uno, o Bem, o Pai, o Transcendente, por um processo complicado engendra indirectamente o princípio do Mal, ou melhor, a Deficiência, o Erro, a partir do qual se gera o universo. Esta concepção do todo como um contínuo (em processo de degradação) é de raiz estóica. Em alguns grupos, o combate entre os dois Princípios, o bom e o perverso, pode dar-se já no âmbito do divino. Para todos, pelo menos o cosmos visível e o homem vêem-se governados pela luta desses dois Princípios, o Bem e o Mal, a Matéria e o Espírito, a Luz e as Trevas. Geralmente, os sistemas gnósticos pensam em termos dualistas só segundo a ordem regular, ou seja, no âmbito do universo, de fora da divindade: a matéria na qual vive o homem e o seu próprio corpo é a última e perversa escala do ser e opõe-se ao mundo do espírito. Este pensamento, *secundariamente dualista*, manifesta-se na cosmologia, na antropologia e na soteriologia⁸.

Escola gnósticas

As escolas ou famílias gnósticas distinguem-se fundamentalmente em dois grupos. Os não-dualistas, situados na Síria e Egipto, que incluem Basilides e Valentim, defendem que a queda da alma é devida à própria divindade, e não a qualquer agente externo. Os dualistas, situados no Irão, cujos expoentes são os maniqueus e os mandeus, defendem o dualismo ontológico onde coexistem *ab aeterno* o bem e o mal, a luz e as trevas.

⁶ Adv. Haer. I 21, 4.

⁷ Idem, *Ibidem*, p. 43.

⁸ António Piñero, *Ibidem*, 45-46.



Para quase todas as famílias gnósticas, a alma confunde-se com a Sabedoria (*gnosis*), da qual provém o mundo material, que é um produto da sua ignorância. O Criador actual do mundo é da descendência da Sabedoria, chamado o Demiurgo, geralmente com o nome de Ialdabaoth (Jahvé + Sabaoth). O mundo está sob a sujeição dos arcontes (dirigentes) que procuram a todo o custo reter a pequena faúlha divina da luz prisioneira no corpo. Por isso o Redentor, que é Jesus, veio ao mundo para apresentar a sua identidade através da sua mensagem para quem o quer ouvir obedientemente. Só os gnósticos é que o ouvem e aproveitam da sua sabedoria e, assim sendo, são salvos e regressam à sua pátria primitiva, o Pléroma, enquanto que os não gnósticos serão destruídos na guerra cósmica e apocalíptica⁹.

Como é fácil de ver, o centro da vida espiritual gnóstica não reside na fé, mas no *conhecimento* secreto, na tal *gnosis* dos que ouvem a Sabedoria do Demiurgo e Redentor. O Deus bom permanece totalmente separado do mundo, que não foi criado por ele, e a revelação gnóstica é exclusiva de um pequeno grupo de *eleitos*. A história e o mundo nada representam como «locus theologicus», mas apenas a gnose.

Marcião

Segundo Marcião, o Deus do AT é inimigo do verdadeiro Deus e, por isso, a igreja cristã não passa duma igreja de conspiradores e mentirosos. Marcião estabeleceu pela primeira vez o «verdadeiro» cânone da Bíblia, rejeitando todo o AT, e aproveitando do NT apenas algumas partes do evangelho de Lucas e de algumas cartas de Paulo. Como escreveu Ireneu de Lião, Marcião «persuadiu os seus discípulos que ele era mais digno de fé do que os apóstolos que transmitiram o evangelho...»¹⁰. Marcião opõe o Deus da Lei ao Deus da salvação, servindo-se, para tanto, do pano de fundo da dialéctica da soteriologia paulina entre a Lei e a Fé que, em Marcião, correspondem a dois entes divinos opostos. Mesmo assim, o Deus bom, que nada tem a ver com este mundo, enviou o seu filho Jesus ao mundo como salvador e redentor, mas o corpo de Jesus era uma ilusão, tal como afirmavam, antes de Marcião, todos os docetas. Paradoxalmente, Jesus morre na cruz para nos redimir da maldição da Lei (Gl 3, 13), isto é, para redimir as almas prisioneiras do corpo que, ao contrário dos outros sistemas gnósticos, não foram criadas pelo Deus do Pléroma, mas pelo falso Deus criador. Por isso, tanto o corpo como a alma partilham do mal do Cosmocrator. Também ao contrário dos outros gnósticos, que ensinavam que a nossa verdadeira morada reside em Deus, Marcião defende que a nossa morada se situa neste mundo mau do Deus Criador.

Assim sendo, a humanidade está totalmente corrompida, e só pode ser salva através da misericórdia e total beneficiência do verdadeiro Deus que interveio a nosso favor enviando-nos Jesus, ensinando os que têm ouvidos para ouvir e, assim, transformarem as suas almas más¹¹.

Valentim

Ao contrário de Marcião, Valentim entra em grandes especulações de tipo mitológico na medida em que, segundo ele, o Pléroma é formado pelo menos por

⁹ Ver WAPNICK, Kennet - *Love Does Not Condemn. The World, the Flesh, and the Devil According to Platonism, Christianity, Gnosticism, and A Course in Miracles*. New York: Foundation for "A Course in Miracles", 1988.

¹⁰ *Adversus har.* I, 27. 2.

¹¹ Kennet Wapnick, *Ibidem*, p. 32.



quinze pares de éons ou emanções, mas não se sabe se Deus existiu antes das emanções ou se os éons coexistem com ele desde o princípio. O último éon é a Sabedoria que «cai» neste mundo para procurar conhecer o Pai desconhecido e jamais conhecível que, nessa lógica, acaba por criar este mundo como o Pai também cria. Como resultado, cria o mundo material através do Demiurgo, o tal Ialdabaoth, que é arrogante e ignorante. Com este erro ou loucura da Sabedoria entrou a desarmonia no Pléroma, e então o Pai vai criar um par a mais de éons, o Cristo e o Espírito Santo, que reconduz a Sabedoria louca e errante à harmonia primitiva. E assim se distingue a Sabedoria superior da inferior. A Sabedoria inferior necessita da salvação e Jesus é enviado como «fruto perfeito do Pléroma» para repor a harmonia salvadora através do *conhecimento*, que corrige a ignorância original. Consoante a Sabedoria se processa dum estado mais baixo a um mais perfeito, assim nascem os três mundos: o *hílico*, o mundo material e corporal, o *psíquico* ou mental, já fruto do arrependimento da Sabedoria, e o *pneumático* ou espiritual, fruto da Sabedoria totalmente purificada. Estes três mundos correspondem aos três estádios das pessoas, e só os gnósticos atingem o mundo pneumático.

Mani

Mani divide com o gnosticismo normal o dualismo entre o espírito e o corpo, a luz e as trevas, e a salvação consiste em retirar a luz da escravidão das trevas. Para ele, a luz e as trevas existem desde o princípio, ao contrário do sistema valentiniano. Entre os dois mundos opostos, as trevas levam a melhor, razão porque o Deus da luz responde criando seres, dos quais sai Ormuzd, o homem primitivo. Ormuzd combate contra as trevas, que levam a melhor, e abandona a sua «alma» adormecida. Em resposta, o Deus da Luz envia o Espírito vivificador para despertar o Ormuzd adormecido, ação que é bem-sucedida, mas a alma continua prisioneira nas trevas. Então, o Espírito vivificador cria o mundo material de partículas ao mesmo tempo de luz e trevas para poder libertar a alma, o que acaba por acontecer na roda cósmica do Zodíaco. Mas as trevas não desanimam e inventam um plano para enganar a luz por mais algum tempo. Este plano consiste na sexualidade que envolve as sementes da luz e das trevas que, uma vez fertilizadas, dão nascimento às plantas e ao mundo animal. O auge deste plano está na criação do homem e da mulher (Adão e Eva) através de dois «demónios» escolhidos pelas trevas. O sexo tem como finalidade assegurar as almas a permanecerem prisioneiras dos corpos através do processo da procriação. Mas o “Jesus Esplendor” (não a figura histórica de Jesus, mas a mitológica) opõe-se a tal plano, na medida em que é enviado para iluminar a alma do homem através do conhecimento da luz, que é o espírito, oposto às trevas más do corpo. E assim se realiza o plano redentor da alma, despertando-a para a luz. E se tal não acontece com a morte, a alma deve retornar continuamente ao corpo até à sua redenção final. É por isso que a humanidade precisa de mensageiros de luz para ajudarem as almas a libertarem-se, isto é, a acordarem para a luz. Tais mensageiros são os grandes profetas da história, começando por Seth e Noé, os santos homens do AT, como também Buda, Zoroastro, Jesus, Paulo e, finalmente, Mani, que é o último dos profetas e a consumação de todas as religiões do passado. Depois dele, não há outro¹².

¹² *Ibidem*, p. 36s.



Setianos

Ao tratarmos dos Setianos, não estamos perante um nome de «mestre» do gnosticismo, mas duma escola que usa muito o nome de Seth, terceiro «filho» de Adão e Eva (Gn 4, 25-26), com toda a sua simbólica.

119

Em *Nag-Hammadi* encontrou-se, inclusivamente, uma obra dedicada a Seth, chamada *As Três Estelas de Seth*. Trata-se de três estelas (documentos) em forma de hinos de bênção. A primeira estela começa assim:

A revelação de Dositeu¹³ de “As três estelas de Seth”, o pai da raça vivente e imutável. As que viu e conheceu. E tendo-as lido memorizou-as e transmitiu-as, assim como são, aos eleitos, de acordo como estavam escritas naquele lugar.

Muitas vezes fui associado para dar glória juntamente com as potências e fui considerado digno por elas das Grandezas incomensuráveis. Por outro lado, é deste modo como apresentam a: “A primeira estela de Seth”.

Abençoo-te, Pai Geradama [Adão Primordial, mistura do grego *gerôn* com o hebraico *Adam*), eu que sou o teu próprio filho, Emmachá Seth, a quem geraste de maneira não procriadora para louvor do nosso Deus, porque eu sou o teu próprio filho. E tu és o meu Intelecto, meu Pai. E eu, por um lado, procriei e gerei, ma[s] tu [vis]te as Grandezas e és [er]guido e imortal.

Abençoo-te, [Pa]i, abençoa-me, Pai. Por tua causa sou, por causa de Deus és, por tua causa estou próximo dele. És luz vendo Luz, revelaste as luzes. És Miroteia, és Miroteu [em grego *Moirothea/Moirotheós*, que significa “parte divina”]. Abeçoo-te como um Deus. Abençoo a tua divindade. Grande é o bom Auto-gerado erguido!, O primeiro Deus erguido! Vieste bondosamente, revelaste-te e manifestaste-te bondosamente. Proclamarei o teu Nome, porque és um primeiro Nome. És um não procriado. (...) És uma parte de Deus (*moirotheós*).

Abençoo o seu poder que me concedeu, o que fez as masculinidades, que realmente são três vezes masculinas. O que se dividiu na pêntada; o que nos foi concedido triplamente como poder; o que se gerou de maneira não procriadora; o que proveio da eleição, por causa daquele que caiu, indo para o Meio. Tu és um Pai que procede de um Pai. Uma palavra que vem de um mandato. Abençoaamos-te, Triplo Varão, porque reuniste o Todo com o auxílio de todos, porque nos deste poder. Provieste do Uno através do U[no], saíste, voltaste ao Uno. Sal[vas]te! Salvaste! Tu, que estás coroados!, Tu, que coroas!

A segunda estela tem por sujeito activo o primeiro éon, Barbeló, e começa assim:

Grande é o primeiro éon, Barbeló¹⁴, Virgem masculina!, Glória primeira do pai invisível, a quem se chama perfeito!

Tu viste no princípio que o que realmente preexiste carece de essência e que a partir dele e por ele preexististe eternamente. Inessencial proveni[ente] do Uno, indivisível triplo [po]der, és triplo poder, é[s] uma] mónada grande proveniente de [uma m]ónada pur[a]. És uma mónada eleita, Sombr[a] primeira d[o] Pai Sa[n]to,

¹³ Dositeu é o recipiendário da revelação, relacionado com a religião samaritana que vê em Seth o depositário de uma tradição adâmica ininterrupta.

¹⁴ A etimologia de Barbeló é insegura. Há as seguintes possibilidades: do hebraico *arbáh* (quatro), ou «tétrada divina»; do aramaico *barbal*: «o espírito resplandece»; ainda do aramaico *bar Baal*: «filho do Senhor».



Lu[z] proveniente de Luz, abençoamos-te, Geradora perfei[t]a, Criadora de éons! (...)¹⁵.

O que está em causa, neste emaranhado de conceptualização, é a compreensão do Pai Uno que se revela, por um lado como Uno e, por outro, como multiplicidade. O autor reconhece claramente que o Um supera a unidade como sua concepção e que esta concepção escassa e vazia de determinações individuais é multiplicidade potencial com determinações, por isso, para que permaneça como é, é necessário, por um lado, que o Uno se abra à intenção de conhecer-se, e, por outro lado, que não degrade essa intenção em conhecimento inteligível. A identidade cognoscitiva do acto generativo é, ao mesmo tempo, acto regenerativo da solução. A auto-consciência divina é, na realidade, tentativa auto-consciente: uma e distinta no próprio Deus. Volta-se, então, através da técnica filosófica do platonismo pitagorizante, ao pitagorismo, para mostrar com isto as limitações do pensamento de Platão e corrigir os defeitos da interpretação plotiniana¹⁶.

Deus (Teologia e Teogonia)

DEUS dualista

Nos sistemas dualistas, Deus (Luz, Pléroma) é pré-existente juntamente com a Treva. Assim acontece no Zoroastrianismo da Pérsia (1000 a. C.), em *Poimandres* e, de modo mais sistemático, em Mani e maniqueísmo posterior. A Treva é chamada, na Pérsia, Ahriman e Iblis (do grego *diabolos*). Na Síria aparece como Hyle, palavra grega que significa Matéria. Não existe conflito entre as duas entidades co-eternas. Como reza um Salmo maniqueu nos Salmos de Tomé:

Quando o Espírito Santo apareceu revelou-nos o caminho da Verdade e ensinou-nos que há duas Naturezas, a da Luz e a das Trevas, separadas uma da outra desde o princípio. O Reino da Luz, por outro lado, consiste em cinco Grandezas, o Pai e os seus doze Eons e os Eons dos Eons, o Ar Vivo, a Terra da Luz; o grande Espírito, que sopra neles, alimenta-os com a sua Luz. Mas o Reino das Trevas consiste em cinco depósitos, o Fumo e o Fogo, o Vento, a Água e a Treva; o seu Conselho introduz-se neles, move-os e impele-os a fazer guerra uns contra os outros.

Deus, portanto, como Luz inacessível, espelha-se e revê-se em Eons de Eons, que variam consoante as escolas. Tanto são chamados Ar Vivo, terra da Luz, como Pensamento, Paz, Silêncio. Outro tanto se diga do Reino das Trevas com o seu Conselho metido nas profundezas da Terra.

Noutros textos, a divindade suprema é chamada Pléroma (Plenitude), isto é, a plenitude da divindade. É o Uno tornado Plenitude na medida em que gera eternamente Eons ou entidades intradivinas, espelho desse Uno. Não existe unidade entre os gnósticos quanto ao modo de expressar como se constitui este Pléroma. Para certos sistemas, como os sethianos de Nag Hammadi, a concepção do Pléroma não supõe em absoluto que as entidades emanadas da Divindade que nele se distinguem tenham uma autêntica realidade em si mesma (isto é, que sejam autênticas hipóstases ou entidades divinas subsistentes), mas são, sim, meros *modos ou disposições* da divindade, meros *modos* da sua projecção para o seu exterior. Nesta concepção, a unicidade do Deus único aparece nítida e clara. Noutras concepções gnósticas, o Pléroma não consiste em disposições modais da Divindade, mas os seres divinos desenvolvidos ou gerados pelo Primeiro Princípio

¹⁵ António Piñero, *Ibidem*, Vol. I, p. 248-251.

¹⁶ *Idem*, p. 244.



são autênticas substâncias ou hipóstases. (...) O número de éons varia de sistema para sistema. No valentinismo são trinta, e aparecem aos pares, que, por sua vez, engendram outros, formando a Tétrada, a Ogdóada ou a Duodécada primordiais. É importante assinalar que no sistema valentiniano é abundante o uso de metáforas sexuais para expressar a emanção ou geração intradivina de éons. Geralmente, para o gnóstico só o par, ou o andrógino, é o perfeito. Provavelmente em consequência de uma observação do que se passa no mundo, e em especial da geração corpórea, reflexo da celeste, chega o gnóstico à convicção de que a individualidade não é o perfeito. De facto, o próprio Transcendente tem o seu par, Pensamento, Voz ou Silêncio, etc. No gnosticismo, esta concepção dualista denomina-se "lei dos cônjuges", dos casais ou "sizígyas" (do grego *syzyx*)¹⁷.

Mas entre o dualismo e o monismo intradivino há uma variante que apresenta Deus como um composto de um princípio de Três Raízes: Luz, Escuridão e Espírito, bem patente, em *Nag Hammadi*, na obra *Paráfrase de Sem*:

A paráfrase de Sem. A paráfrase que foi sobre o Espírito não-gerado. A mim, Sem, revelou-a Derdequeia [do hebraico *dardaka*, "Filho varão", "Filho da Grandeza"] de acordo com a vontade da Grandeza. (...) Havia Luz e Escuridão e o Espírito no meio delas. Uma vez que a tua raiz caiu no esquecimento (e) este era o (estado) do Espírito não-gerado, estou a mostrar-te o que é rigoroso sobre os poderes. A Luz foi pensada plena no escutar a palavra. Estavam unidos numa ideia única. E a escuridão era vento nas águas, [ainda que] possuindo o intelecto envolvido com um fogo agitado. E o Espírito que está no meio deles era uma luz tranquila e humilde. São estas as três raízes. Reinavam cada uma em si mesmas, sós, e cobriam-se entre si, cada uma com o seu poder. A Luz, no entanto, uma vez que possuía um grande poder, conheceu a ruindade da Escuridão e a sua desordem, porque a raiz não era recta. A irregularidade da Escuridão, no entanto, não tinha faculdade perceptiva, ou seja, (crê que) não há nenhum acima dela (*Par. Sem*, I, 1-2).

DEUS não-dualista

Valentim é considerado o maior «mestre» entre os gnósticos, e o seu sistema o mais completo em metafísica teológica da gnose, mas da obra do «mestre» conhecemos pouco. A novidade consiste em ultrapassar o sistema dualista do bem e do mal, da luz e das trevas, para estabelecer uma metafísica teológica *interna* ao Pléroma. O bem e o mal não provêm de identidades co-eternas em luta aberta, mas dum processo psicológico interno ao mundo do homem proveniente de Deus. A Luz divina não foi aprisionada no corpo mortal do homem, que a vive independente da Luz divina e primordial. Foi a mesma Luz primordial e divina que quis a «queda» da alma no corpo material e inferior; a «queda» é um acontecimento desejado pela Luz, interno, portanto, ao sistema epistemológico da gnose. A matéria e o seu universo são, realmente, fruto duma «queda» e, como tal, são trevas, deficiência, aberração. O mundo é um epifenómeno deste erro fundamental psicológico; a cosmogonia funde-se na psicologia. Não estamos perante *substâncias* ontológicas de entidades divinas mas de *funções* do Ser supremo. Se a queda é um processo interior à Mente do Pléroma, sobretudo ao éon Sofia, a redenção desta queda consiste em corrigir este erro interno à mente e, assim, corrigir o mal do mundo. Numa palavra, o problema do mundo consiste no estado psicológico da sua ignorância (ou do seu esquecimento) em relação à sua origem, e o princípio da salvação consiste no conhecimento que repara a ignorância. A antropologia e cosmologia valentinianas é uma sinfonia gnóstica ao dualismo ontológico de Platão:

¹⁷ António Piñero, *Ibidem*, Vol. I, p. 12.



as Ideias eternas, puras e divinas, acabam por se confundir com a matéria. A imperfeição (matéria e multiplicidade) procede da perfeição (Ideias eternas e puras do Uno), já que, segundo o *Timeu* 48^a, o mundo é uma mistura ou combinação da «necessidade e inteligência».

122

O seguinte texto sobre o éon Sofia, proveniente da obra *Apócrifo de João*, um dos tratados mais completos do *corpus* de *Nag Hammadi*, da escola valentiniana, pode iluminar-nos sobre todo este processo:

A Sabedoria, que era um éon, concebeu no seu interior um pensamento, uma reflexão acerca do Espírito invisível e da presciência. Desejou manifestar-se numa imagem saída de si mesma sem o querer do Espírito, que não o consentia, e sem o seu consorte, que não dava a sua aprovação. E ainda que não o consentisse a sua personificação masculina, e sem ter obtido o seu acordo, e apesar de o ter premeditado sem o consentimento do Espírito e de não contar com o acordo (da sua parte masculina), ela seguiu adiante. Uma vez que havia nela uma potência invencível, o seu pensamento não permaneceu inactivo e a partir dela manifestou-se uma obra imperfeita e diferente da sua forma, porque a tinha criado sem o seu consorte. Não se parecia nada com a figura da sua mãe, mas tinha uma outra forma.

Logo que viu a obra desejada, esta transmutou-se na figura de um estranho dragão com rosto de leão, de olhos resplandecentes como relâmpagos. Lançou-o para longe dela e daquele lugar a fim de que nenhum dos imortais o visse, porque o tinha criado em ignorância. Envolveu-o numa nuvem luminosa e colocou-o num trono no meio de uma nuvem para que ninguém o visse excepto o Espírito Santo, que é chamado "a mãe dos viventes". E deu-lhe o nome Ialtabaot.

Este é o primeiro arconte. Recebeu da sua mãe uma grande potência e afastou-se dela e abandonou os lugares em que tinha sido criado. Robusteceu-se e criou para si outros éons resplandecentes de fogo luminoso. Ainda ali se encontra. (*Ap. João* II, 9, 26-32).

Sofia é a mais nova dos éons do Pai, constituídos de macho e fêmea. Mas Sofia não tem consorte e quis emanar (procriar), por sua vez, sem consorte, à imagem do Pai. Foi esta a «loucura» da Sofia na mitologia da criação valentiniana porque o éon ou substância que saiu dela é uma substância incompleta que afecta toda a humanidade. Este processo da «loucura da Sofia» aparece igualmente na obra *Sobre a Origem do Mundo*, que tem por finalidade provar que o «caos» não é co-eterno com a divindade:

Uma vez que todos, tanto deuses do mundo como seres humanos, dizem: "nada existe antes do caos", vou demonstrar que todos se enganam ao ignorar [a composição] do caos e sua raiz. Esta é, pois, a demonstração.

Ainda que pareça que todos os homens estejam de acordo, em relação ao caos, ao afirmar que se trata de uma coisa obscura, (há que dizer que) o que se passa na realidade é que provém de uma sombra e foi denominado assim: obscuridade. Ora, a sombra é um ser que procede de uma obra que existe desde o princípio, logo é bem claro que (esta obra) existia antes do génesis do caos e que o caos é posterior à primeira obra.

Penetremos agora na verdade, o que equivale a examinar a primeira obra, aquela da qual procedeu o caos. Desta maneira tornar-se-á manifesta a demonstração da verdade.

Uma vez que a natureza dos seres imortais terminou o seu processo de procedência do que é infinito, aconteceu que uma semelhança emanou da Pistis; chamam-na



Sofia. Esta semelhança experimentou uma vontade e passou a ser uma obra semelhante à luz primordial. Acto contínuo, a sua vontade manifestou-se como uma semelhança do céu que possuía uma inconcebível grandeza. Encontrava-se no espaço intermédio entre os imortais e os seres que vieram depois deles, com figura [de céu]. Era como um véu que separava o género humano das realidades superiores.

O éon da verdade não tem qualquer sombra no seu exterior, porque a luz sem limite está no omnipresente. Mas o seu exterior é uma sombra, à qual chamam escuridão. A partir dela uma potência manifestou-se sobre a escuridão. A esta sombra, as potências que vieram posteriormente chamaram-na "caos infinito". [Todo o tipo] de divindade fluiu deste caos [...] com o lugar inteiro, deste modo também [a sombra] veio depois da primeira obra. Manifestou-se precisamente no abismo, a partir da Pistis que já mencionámos.

Então, a sombra apercebeu-se de que havia alguém mais poderoso do que ela e ficou com inveja. E depois de se ter empenhado ela a si própria, acto contínuo, gerou a inveja. Manifestou-se desde esse dia o princípio da inveja entre todos os éons e seus mundos. Esta inveja tornou-se um aborto carente de espírito. Foi com as sombras imersas numa extensa substância aquosa. Então, o fel que tinha surgido da sombra foi lançado para um lugar particular do caos. Desde esse momento manifestou-se uma substância de água e o que tinha fluído dentro dela esparramou-se manifestando-se o caos. (...).

Uma vez que estas coisas aconteceram, veio a Pistis e manifestou-se sobre a matéria do caos, a que tinha sido expulsa como um aborto e carecia de espírito. Era, efectivamente, uma escuridão infinita e uma água sem limites (II, 97-99)¹⁸.

Mundo (cosmologia e cosmogonia)

Com a exposição dos pressupostos gnóstico sobre Deus, é fácil depreendermos que o mundo (a cosmologia tornada cosmogonia) cósmico e corporal é fruto de uma escala descendente que vai da divindade criadora ao mundo corporal. O mundo e os humanos são fruto da «loucura» da Sabedoria. O mito clássico valentiniano, transmitido por Ireneu, assinala em termos poéticos como a Sabedoria, já redimida pelo éon Salvador, está já formada e capaz de entender o Pai, mas, ao mesmo tempo, vazia de Cristo/Logos que a tinha deixado. Lança-se, então, a Sabedoria inferior em busca dessa luz que a tinha abandonado (no fundo procurava a luz do Transcendente), mas não pôde alcançá-la por causa do impedimento do Limite. Ao não poder ultrapassar este, por continuar entrelaçada com a sua paixão e ao ficar abandonada no exterior do Pléroma, a Sabedoria caiu em todo o tipo de paixões, multiformes e variadas, incluindo a conversão. Destas paixões (também divinas!) nasce a primeira matéria, primordial e inteligível, não sensível. Da sua conversão tem origem o chamado Demiurgo. As outras coisas nasceram do seu temor e da sua tristeza. Das lágrimas da Sabedoria proveio toda a substância húmida; do seu riso, a sabedoria luminosa; da sua tristeza e do seu torpor, os elementos corporais do mundo. Devemos insistir que esta matéria primordial não é o mundo corpóreo. O mundo visível será criado posteriormente pela Sabedoria de modo indirecto, graças ao Demiurgo¹⁹.

¹⁸ António Piñero, Vol. I, *Ibidem*, p. 365-66.

¹⁹ António Piñero, I Vol., *Ibidem*, p. 67.



Este demiurgo, em todas as correntes gnósticas, é um ser divino inferior. Ele acontece por necessidade de preservar o Transcendente/Deus/Pléroma de qualquer contacto com a criação má e de qualidade inferior, sempre misturada à matéria. O demiurgo é uma emanção de Deus, mas não é Deus e, por isso, excepto no maniqueísmo, a criação não acontece como sistema dualista mas ligado a Deus pelo demiurgo. Nesta qualidade de ser, a matéria, o corpo, o mundo, é sempre um produto da Deficiência, que se confunde também com o Mal. Como se lê na obra de Nag-Hammadi, *Sobre a Origem do Mundo*:

Pistis Sofia desejou que aquele ser carente de espírito se configurasse com uma semelhança e que dominasse sobre a matéria e todas as suas potências. Acto contínuo manifestou-se em primeiro lugar num arconte saído das águas, parecido com um leão e andrógino, possuidor de um grande poder, mas ignorante de onde procedera. Quando Pistis Sofia o viu no fundo das águas, movendo-se, disse-lhe: "Rapaz, atravessa até aqui"; esta é a interpretação de "Ialdaot". Desde esse dia manifestou-se o princípio da linguagem, que alcançou os deuses, os anjos e os homens²⁰.

O que distingue o sistema gnóstico dos não-gnósticos é a sua visão sobre o mundo. Na visão gnóstica impera o anti-mundo já que o mundo físico não provém de um Deus verdadeiro, mas de um princípio inferior consubstanciado na queda da unidade perfeita da divindade. Nada do que é real ou bem existe fora do Pléroma celestial. Na *Hipóstase dos Arcontes* de Nag-Hammadi, o mundo é fruto das potestades da obscuridade que se opõem e se separam do Pai da Verdade:

Falando sob a inspiração do Pai da verdade, o grande apóstolo [Paulo] transmitiu-nos o seguinte ensinamento acerca das potestades da obscuridade: *A nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas sim contra as potestades do mundo e contra os espíritos do mal* (Ef 6, 12). O seu chefe é cego. [Impulsionado pela sua] potência, pela sua ignorância e pelo seu orgulho [...] disse: "Eu sou deus, e nenhum há [fora de mim]. Ao dizer isto, pecou contra [o todo]. E esta palavra chegou até à Incorruptibilidade. Então, da Incorruptibilidade surgiu uma voz que disse: "Erras, Samael"²¹ – ou seja, "o deus dos cegos".

Os seus pensamentos tornaram-se cegos. Lançou a sua potência – ou seja, a blasfémia que tinha dito – e foi perseguido por Pistis Sofia para baixo, para o caos e para o abismo, que é a sua mãe. E ela instalou cada um dos filhos dele de acordo com aquela potência e de acordo com a figura do éon superior. Porque há que saber que as coisas manifestadas surgiram das coisas escondidas.

Este Samael, deus dos cegos, que origina o mundo, é chamado noutros livros Sakla e Yaldabaot. A matéria e o mundo, portanto, são um fruto duma actividade negativa, em último caso, da «loucura da Sofia», sobretudo entre os valentinianos. Este mundo é uma «paródia» do mundo da luz. Esta «paródia» é narrada, na obra *Sobre a Origem do Mundo*, numa alusão indirecta ao livro bíblico do Génesis, da seguinte maneira:

Depois o arconte reflectiu na sua natureza e através da palavra criou um andrógino, abriu a sua boca e glorificou-se diante dele. Quando os seus olhos se abriram viu o seu pai e disse-lhe: "I".
E o seu pai chamou-lhe "Iaó".
Depois criou o segundo filho e glorificou-se diante dele.

²⁰ *Sobre a Ordem do Mundo*, 100, 9-19 - em António Piñero, *Ibidem*, p. 367.

²¹ Segundo a nota de rodapé na edição de António Piñero, Vol. I, p. 348, «Samael é a deformação (já testemunhada em *Ascensão de Isaías* 1, 11) da palavra hebraica *semel*, que, a partir de Ezequiel (cf. 8, 3-6), designa o ídolo antagonista de Yahvé ("semel da inveja").»



E quando os seus olhos se abriram
disse ao seu pai: "E".
E o seu pai chamou-lhe Eloai.
Depois criou o terceiro filho e glorificou-se diante dele.
Ele abriu os olhos
e disse ao seu pai: "As".
E o seu pai chamou-lhe Astafeu.
Estes são os três filhos do seu pai.
Sete foram os que se manifestaram a partir do caos, e eram andróginos. Tinham o seu nome masculino e o seu nome feminino.
(Yaldabaot) [...o seu nome feminino] é Pronoia Sambatas, ou seja, a hebdómada.
Quanto àquele filho (do arconte) chamado Iaó,
tem como nome feminino Dominação (provavelmente Kyriotês).
Sabot: o seu nome feminino é Divindade.
Adoneu: o seu nome feminino é Realeza.
Eloeu: o seu nome feminino é Inveja (ou Ciúme).
Oreu: o seu nome feminino é Riqueza.
Astafeu: o seu nome [feminino] é Sofia²².

Por tudo isto, o mundo cosmogónico da criação, nos gnósticos, é complexo como todos os demais tratados, mas depende essencialmente das Ideias de Platão que degeneram na multiplicidade do mundo material, de sombra e ilusão, e da mitologia do AT, no livro do Génesis, através do demiurgo Ialdabaot e Achamot (Sofia). A Sofia superior despeja os seus sentimentos de vaidade na Sofia inferior que se traduzem em criação material e corporal. O Deus Jahvé da Bíblia é parodiado e denegrado por este processo de ironia subtil. Pelo menos é esta a visão de Ireneu de Lião em *Adversus Haereses* I. 4. 5-5.1.

No esquema valentiniano, que responde de maneira mais perfeita a todos os outros esquemas, existem os quatro seguintes escalões na hierarquia das realidades: 1) O Pléroma Superior; 2) A Sofia inferior (Ogdóada, Achamot), Mãe, que deseja a redenção do inferior para o superior; 3) O «Lugar do Meio», entre o superior e o inferior, residência do filho-demiurgo da Sofia (mãe) superior; 4) O universo material nomeado, por vezes, com o nome hebraico Hamakom (que significa «Lugar»), correspondente ao Deus do AT.

A este mundo corresponde o *tempo* que, no platonismo, é o espelho das Ideias Eternas e a imagem em movimento da eternidade. No classicismo grego, o mundo físico era um deus vivo que reflectia a natureza eterna e imutável do princípio Supremo não-material, isto é, o Deus ou Ideia Suprema do Bem. Mais tarde, na Idade Média, a chamada escola franciscana de S. Boaventura, cristianiza esta linha filosófica e teológica, onde sobressai o livro de S. Boaventura, de acordo com esta linha, *Itinerarium Mentis in Deum*..

No mundo gnóstico, o *tempo* é um meio e instrumento dos arcontes controlarem as almas aprisionadas. O tempo corresponde ao estado de ser das almas a viverem num mundo de degradação. Na gnose valentiniana, o tempo é uma imitação distorcida da eternidade que pertence aos éons do Pléroma. O tempo é o espaço mundano em que os erros acontecem. A salvação não acontece no tempo histórico porque a história, ao contrário da Bíblia, não é o «locus theologicus» de vida e salvação; pelo contrário, mundo e tempo, são o «locus» da queda. A vida corresponde à «deficiência», escuridão e trevas. Enquanto que para os gregos, o tempo é circular e para a Bíblia é linear, para os gnósticos é um aprisionamento,

²² António Piñero, *Ibidem*, p. 367-68.



um tempo médio, enquanto não surgir a redenção da alma para o tempo superior das origens do Pléroma através do conhecimento gnóstico. O tempo funde-se na experiência como degradação pré-gnóstica e redenção gnóstica.

Homem (Antropologia e antropogonia)

126

O homem é constituído de corpo (carne), físico, psíquico e espírito, à maneira da antropologia grega. Tanto o corpo como o psíquico são elementos constitutivos do homem não-divino, que necessitam de redenção. O psíquico situa-se entre o corpo-carne e o espírito. Não há um dualismo ontológico de opostos, mas uma situação de queda do superior para o inferior. A salvação, como temos visto, consiste em resgatar o espírito, prisioneiro do corpo. A morada do espírito não é a do corpo, mas a do Pléroma superior que o corpo e o psíquico ignoram. A passagem da ignorância para a verdade só se faz pela gnose e não pela fé.

Nesta situação, o eu espiritual é uma pérola no meio da lama, isto é do corpo, que necessita de sair desta «caverna platónica» para a luz do Pléroma. A caverna da lama, último estádio da descida cósmica e corporal da «loucura da Sofia» funde-se com tudo o que é sexo. Nesta lama e neste corpo, como vimos, subsiste a faúlha divina que deseja regressar à sua verdadeira morada, a da Luz. Foram os senhores ou os arcontes do mundo, a mando do demiurgo Ialdabaot, que assim criaram o corpo para prisão da faúlha divina.

A obra de *Nag-Hammadi, Sobre a Ordem do Mundo*, que já citámos várias vezes, descreve o homem espiritual desta maneira:

Logo que viu a semelhança da Pistis nas águas, o primeiro criador afligiu-se muitíssimo, quanto mais ao escutar a sua voz, que se parecia com a primeira voz que o tinha chamado (para fazê-lo surgir) das águas. E quando se apercebeu de que esta era a que lhe tinha dado nome, gemeu e envergonhou-se da sua transgressão. E quando soube na verdade que há um homem imortal luminoso existente antes dele, transtornou-se profundamente, porque antes tinha dito a todos os deuses com os seus anjos: «Eu sou deus e não existe outro antes de mim». Com efeito, temeu que chegassem a saber que havia outro existente antes dele e que chegassem a condená-lo. Como era, no entanto, néscio [o Deus do AT], desprezou a condenação e num acto de audácia disse: «Se alguém existe antes de mim, que se manifeste de modo que possamos ver a sua luz».

Acto contínuo, eis que uma luz saiu da ogdóada superior e atravessou todos os céus da terra. Quando o primeiro criador «viu que a luz era bela» [Gn 1, 4] no seu esplendor, ficou maravilhado e envergonhou-se muitíssimo. Mal se manifestou a luz, uma semelhança de homem apareceu na luz. Era extremamente admirável, e ninguém a viu senão o primeiro criador e a Pronoia [Presciência, cônjuge de Ialdabaot] que está com ele. A luz (da semelhança), no entanto, manifestou-se a todas as potências dos céus; por esta razão todas elas foram transtornadas pela luz.

Então, Pronoia viu o anjo e amou-o. Mas ele odiava-a porque ela estava na escuridão. Ela desejava colar-se a ele, mas não pôde. Ao não poder satisfazer o seu



amor, verteu a sua luz sobre a terra. Desde esse dia este anjo foi chamado «Adão de Luz», cujo significado é «o luminoso homem de sangue». E a terra [sobre a qual a luz] se esparramou foi chamada «santo Adamas», cujo significado é «santa terra adamantina» (ou de ferro). Desde esse dia, todas as potestades honraram o sangue da virgem (Pronoia). A terra, por seu lado, foi purificada pelo sangue da virgem. Além disso, a água foi purificada através da semelhança da Pistis Sofia, a que se tinha manifestado ao primeiro criador nas águas. Com propriedade, assim, diz-se «através das águas» [Gén 1, 2. 6], já que a água santa, ao dar vida a tudo, purifica-o (107-108)²³.

Nesta obra narra-se a criação do homem psíquico desta maneira:

Mas antes, quando ainda o Adão de luz não se tinha retirado do caos, as potestades viram-no e zombaram do primeiro criador porque tinha mentido ao dizer: "Eu sou deus e nenhum existe antes de mim". Então, dirigiram-se a ele dizendo: "Não é este o Deus que destruiu a nossa obra?" Ele respondeu e disse: "É verdade. Se quereis que ele não destrua a nossa obra, vinde, criemos da terra um homem de acordo com a imagem do nosso corpo e de acordo com a semelhança d'Aquele, e coloquemo-lo ao nosso serviço, para que ao ver a sua semelhança a ame. E já não destruirá a nossa obra, pelo contrário, a todos aqueles que nascerão da luz, nós os escravizaremos por todo o tempo deste éon. (...)".

Naquele momento, o primeiro criador, juntamente com os seus, concebeu um propósito em relação ao homem. Então, cada um deles lançou a sua semente no meio do umbigo da terra. Desde esse dia os sete arcontes plasmaram o homem (através de uma dupla operação): o seu corpo assemelhava-se ao corpo deles, e esta sua semelhança assemelhava-se ao homem que lhes tinha aparecido. A sua criação procedeu, tomando parte de cada um deles. Foi o seu príncipe quem se encarregou do cérebro e da medula, e depois manifestou-se como o que lhe precedia. O homem passou a ser psíquico, e foi chamado Adão, que significa "pai", de acordo com o nome do que lhe precedia²⁴.

Fechemos o ciclo humano do homem espiritual, psíquico e terreno com a narrativa do homem terreno:

Quando (os arcontes) terminaram Adão, (o príncipe) colocou-o numa vasilha [alusão a Gn 2, 7: "pó da terra"], porque tinha tomado a forma de um aborto carente de espírito. Por causa disto, quando o grande arconte se lembrou da palavra da Pistis, temeu que o homem verdadeiro penetrasse na sua criatura e se constituísse em senhor (do arconte). Por esta razão deixou a sua criatura quarenta dias [o Génesis fala de oito] sem alma e retirou-se, abandonando-o. Mas ao fim de quarenta dias, Sofia Zoé [em grego significa Vida²⁵] insuflou o seu alento em Adão, que não tinha alma, e este começou a mover-se sobre a terra, ainda que não conseguisse ficar de pé. (...)".

Depois do dia do repouso, Sofia enviou a sua filha Zoé, a chamada Eva, na qualidade de instrutora para pôr de pé o Adão, já que este carecia de alma, a fim de que os que iam ser gerados por ele fossem recipientes da luz. Quando Eva viu aquele que era a sua viva semelhança estendido no chão, sentiu pena dele e disse: "Adão, vive, levanta-te da terra". Num instante a sua palavra converteu-se em obra e, efectivamente, Adão levantou-se e, seguidamente, abriu os olhos. Quando a viu, disse: "Tu serás chamada mãe dos viventes, porque tu me deste vida".

²³ António Piñero, *Ibidem*, p. 371-72.

²⁴ António Piñero, *Ibidem*, p. 375-76.



Então, as potestades ficaram a saber de que a sua criatura vivia e andava erguido, e ficaram muito transtornadas. Enviaram sete arcanjos para averiguar o que tinha acontecido. Chegados perto de Adão, quando viram que Eva falava com ele, disseram uns aos outros: "O que é esta coisa luminosa? Parece-se com a semelhança que se nos manifestou na luz. Eia, capturemo-la e vertamos a nossa semente nela, para que fique manchada e já não possa regressar à sua luz. Além disso, os que nasçam dela ficarão sob a nossa obediência. (...).

Assim, o primeiro Adão de luz é espiritual e manifestou-se no primeiro dia. O segundo Adão é psíquico e manifestou-se no [sexto] dia, denominado Afrodita. O terceiro Adão é terreno, ou seja, o da Lei, e manifestou-se no oitavo dia, [...] o repouso da indigência, chamado dia do sol.

A prole de Adão terreno foi numerosa e alcançou o seu acabamento e criou no seu seio todo o tipo de ciência do Adão psíquico. Mas o todo encontrava-se na ignorância²⁵.

Estas narrativas falam por si, sobretudo porque interpretam de maneira gnóstica o mito da criação do Génesis. Em vez de antropologia mítica, segundo a Bíblia, temos uma antropogonia gnóstica. Nesta antropogonia, como vimos, o Criador é inferior ao ser humano, que *se encontra provido do espírito divino*. Entre os documentos sethianos, o *Apócrifo de João* narra algo muito parecido: o Demiurgo, pelo facto de ser filho de Sofia (Sabedoria), detém o poder da mãe, ou seja, o elemento espiritual. (...) O Demiurgo e os seus anjos ficam, segundo a maioria dos sistemas, invejosos do homem precisamente por este facto, porque, ainda que tenha sido criado por intermédio deles, possui uma parte do espírito divino que eles não têm. A inveja tornar-se-á de imediato em inimizade e esta procurará por todos os meios que esse espírito no homem seja inoperante. (...)

Em resumo,

De todo este mito, gerado em torno do texto do *Génesis*, interessa-nos sublinhar, em síntese, o seguinte:

- a) O ser humano, completo, é composto de três partes: a matéria, o corpo; a anímica ou vital, responsável pelo movimento e pelas funções vitais; e a espiritual, divina, independente da matéria, agrilhoadada ao corpo. Esta é como uma chispa, uma centelha do divino que desceu até à matéria.
- b) O infeliz processo pelo qual essa chispa se vê agrilhoadada na matéria (corpo) explica a situação actual do ser humano. Mas o eu verdadeiro é o espírito, a chispa ou centelha, que não tem a sua pátria aqui, neste mundo, na matéria, mas sim na divindade.
- c) Não só há uma distinção verdadeira entre alma e corpo, como também entre alma superior (o espírito: objecto da salvação) e alma inferior, ou alma simplesmente (objecto da salvação intermédia junto do Demiurgo)²⁶.

Redenção

²⁵ António Piñero, *Ibidem*, p. 377-79.

²⁶ António Piñero, *Ibidem*, Vol.I, p. 80.



O pensamento e sistema gnóstico ganhou corpo e forma por causa da Redenção ou Salvação da chispa divina caída no corpo material. Como essa chispa faz parte do Ser divino é o próprio Ser divino (Deus, Pléroma) interessado em readquirir essa parte de si mesmo. Neste particular, o Ser divino resgata-se a si mesmo, o Salvador salva-se a si próprio. Como se lê no *Tratado Tripartido* 124-126:

Porque não só os seres humanos necessitam de redenção, mas também os anjos necessitam de redenção juntamente com a imagem e o restante do Pléroma dos éons e dos maravilhosos poderes luminosos. De maneira que não podemos ter qualquer dúvida quanto aos outros. Pelo contrário, até o Filho que está estabelecido como modelo de redenção do Todo [necessi]tou de redenção, também ele que chegou a ser homem, tendo-se submetido a tudo o que necessitamos, os que somos na carne a sua Igreja. Portanto, quando foi o primeiro a receber a redenção da palavra que tinha descido sobre ele, tudo o resto recebeu a redenção por ele, os que a receberam para si. (...) Uma vez que o Pai conhecia-o previamente, já que existia no seu pensamento antes de nada ter chegado a ser tinha também (nele) aqueles pelos quais se manifestou. Estabeleceu a deficiência sobre o que dura por alguns períodos e tempos como uma glória para o seu Pléroma, uma vez que o facto de que seja desconhecido encerra uma causa da sua criação pela sua benevolência [fazendo]-se [conhecer] (...); assim se encontra, por um lado, ser causa de ignorância, por outro, é também gerador de conhecimento.

O mesmo acontece no *Evangelho de Filipe* 70-71:

Jesus revelou [nas margens do] Jordão a plenitude do reino dos céus. O que foi gerado antes do Todo, foi de novo gerado. O que antes foi ungido, foi ungido de novo. O que foi redimido, redimiu por sua vez²⁷.

Por estes textos, concluímos que a pessoa de Jesus tem uma importância especial nesta fase final do processo gnóstico, o da Redenção.

Nos gnósticos, a redenção acontece, portanto, com a ascensão da alma ao Pléroma de onde tinha caído, depois de todo o processo de purificação gnóstico. É uma purificação que nada tem a ver com a conversão do pecado à graça, da não-fé à fé, mas da *revelação* da gnose que ilumina a alma decaída sobre a sua identidade perdida e, agora, reencontrada.

Retomando a pessoa de Jesus, não há nem pode haver nos sistemas gnósticos uma encarnação verdadeira, já que o divino de modo nenhum se pode misturar com o material. O corpo deste Jesus é meramente aparente. O momento dessa penetração do éon Salvador/Cristo – em figura de Espírito Santo ou de Voz/Palavra divina – no corpo de Jesus é a teofania do Baptismo. Durante a sua vida terrena, esse Jesus pregará a verdadeira gnose, que consiste exclusivamente em fazer com que os homens espirituais se apercebam de onde vêm, quem são e para onde devem ir, incitando-os a que se despojem da sua veste carnal para se revestirem da espiritual. A figura de Cristo como redentor aparece em alguns textos de Nag Hammadi como uma entidade introduzida secundariamente num texto judaico que apresentava outra figura de Salvador, tal como no *Apócrifo de João* e em *Sabedoria de Jesus Cristo* (adaptação cristã de *Eugnosto, o Bem-Aventurado*). Nos tratados

²⁷ António Piñero, *Ibidem*, Vol II, p. 44, refere em nota de rodapé que esta posição gnóstica «É uma formulação correspondente ao mitologema do "Salvador salvo", corrente no gnosticismo; cf. *Tratado Tripartido* 124, 32-125, 2; *Apócrifo de João* 25, 14-15.»



genuinamente cristãos, a figura de Jesus Cristo sofre uma remodelação para adaptá-la aos esquemas gnósticos. Efectua-se uma clara separação entre o Jesus terreno, formado de elemento psíquico, e o Cristo celeste, éon do Pléroma, que desce sobre esse Jesus. O Ressuscitado (Cristo) é o revelador gnóstico nos dias que vão da sua ressurreição à sua ascensão (*EvT, PochJo*, etc.). No *Evangelho dos Egípcios* e no *Pensamento Trimorfo* as figuras de Cristo e Seth sobrepõem-se ou, melhor, identificam-se (51, 20; 54, 20/50, 9-12).

Nos sistemas gnósticos cristãos, o Salvador recebe o tormento. Como, no último instante, o Redentor arranca o homem do poder do Demiurgo e dos seus anjos, o Demiurgo, irritado, tenta provocar a sua morte através dos judeus. Mas, na realidade, no momento da crucificação, o éon Salvador abandona Jesus e regressa ao Pléroma. O único que permanece na cruz é o Jesus psíquico que, na realidade, tão-pouco padece, já que o seu corpo é especial, como já indicámos. Assim, são enganados os poderes deste mundo e concluído o processo da redenção²⁸.

Lançando a ponte entre Jesus e os que nele acreditam – os cristãos –, o que os caracteriza, no sistema gnóstico, é o facto de descobrirem que a faúlha divina no seu corpo, anseia por regressar à sua pátria ou casa. Para tanto o cristão deve renunciar a tudo o que seja matéria corpórea porque a sua verdade reside na esfera celeste do Pléroma e não na lama da terra. Neste sentido, o homem faz parte integrante do Pléroma e o Pléroma do homem. O homem, na sua forma triforme, isto é, material ou hílico, psíquico e espiritual, só se encontra se encontrar o caminho da redenção através da gnose. Nessa caminhada tem dois caminhos, o caminho da ascética contra tudo o que seja matéria, corpo e, com ele, sobretudo o sexo, e o caminho da libertinagem. A maioria dos gnósticos, nos seus redutos monacais da Síria, Palestina e Egipto, seguiram a espiritualidade *enkratita*, onde se condena o casamento, o sexo e se castiga o corpo para que surja o espírito da libertação. Da mesma condenação sofre a mulher porque o verdadeiro gnóstico só pode ser o homem.

No célebre *Evangelho de Tomé*, muito conhecido e estudado antes da descoberta de *Nag-Hammadi*, com 114 *logia* ou «sentenças» doutriniais, a última diz o seguinte:

Simão Pedro disse-lhes [aos demais Apóstolos]: "Que Mariham [Maria Madalena] saia de entre nós, porque as mulheres não são dignas da vida". Então Jesus disse: "Eis que me encarregarei de a fazer homem [literalmente: macho], para que também ela seja um espírito vivo semelhante a vós, os homens. Porque toda a mulher que se tornar varão, entrará no reino do céu".

Neste mesmo Evangelho, o conceito central e antropológico consiste na palavra *monakhós*, de difícil tradução. Aparece nas sentenças 16. 49 e 75, que significa *unificado*. Segundo os gnósticos, os «unificados» são os que superam a dualidade masculino-feminino ou macho-fêmea, já que a corporeidade, manifestada sobretudo na sexualidade, é um impeditivo para a «salvação/redenção». Há que regressar aos tempos primordiais da androginia, antes de Adão e Eva. O Pléroma Supremo (Ser Supremo/Deus/Pai) não tem cônjuge, diferente de todos os demais arcontes. E foi a «loucura» do éon Sofia, que, por querer gerar também sem cônjuge, para imitar e ser igual ao Pai, proporcionou a «queda». Agora, para se poder regressar ao Pléroma sem cônjuge, o varão gnóstico deve passar pelo

²⁸ António Piñero, Vol. I, *Ibidem*, p. 83-4.



«sacramento» da «câmara nupcial» (*Evangelho de Tomé*, sentenças 61. 75. 104). A redenção consiste neste casamento-sacramento do Uno/Todo/Supremo com os homens e as mulheres-tornadas-homens pela iniciação gnóstica. Como diz Jesus no *logion*/sentença 75: «Muitos estão de pé, junto da porta, mas só os *unificados* [*monakhos*] entrarão na câmara nupcial».

131

Evangelho de Judas

O último evangelho gnóstico, descoberto recentemente, foi o tão mediatizado *Evangelho de Judas*²⁹. Provém do Egito, dum lugar não muito longe de *Nag-Hammadi*, escrito no século segundo em grego e em copta no século quarto, como muitos outros textos de *Nag-Hammadi*.

Judas responde a Jesus: «Eu sei quem tu és e de onde vens. Vieste do éon Barbeló, o imortal e não sou digno de pronunciar o nome de quem te enviou» (35, 10). Jesus impõe a Judas que se separe dos mais discípulos: «Separa-te deles. Eu contar-te-ei os mistérios do Reino. Tu podes alcançá-los, mas sofrerás muito» (35, 20). Os discípulos são o símbolo dos psíquicos e da «Grande Igreja» com os seus ritos, eucaristia e baptismo, que não atingiram o «conhecimento» total, ao contrário de Judas, símbolo dos perfeitos gnósticos, conhecedores do Reino. Estes «perfeitos» constituem a «outra geração grande e santa», que Jesus visita de vez em quando, abandonando a terra, para depois regressar.

Este evangelho pertence à escola gnóstica de Seth (49, 6; 55, 5) que, conjuntamente com outros livros da mesma escola, trata o Demiurgo Jahvé de Yaldabaot (51, 15), Saclas, Barbeló e Nebro. Como novidade maior deste Evangelho é a imposição de Jesus a Judas: «Tu, no entanto, serás mais que todos eles, pois o corpo que eu levo (*phoreô*), tu o sacrificarás» (56, 19-20). O Logos Autogerado encarna em Jesus num corpo aparente

No Evangelho, como na demais literatura gnóstica da escola de Seth, aparece o Logos autogerado (Jesus), que se reflecte em Adamas, o éon do primeiro Adão, ideia arquetípica do ser humano perfeito e que existe desde sempre perante Deus, que, mais tarde, no processo de degenerescência incarna no homem hílico ou material e corpóreo. Há, pois, os vários tipos de homem, desde o mais perfeito, o Adamas, que existe na plenitude da divindade, ao mais imperfeito, que será destruído no final dos tempos conjuntamente com o Demiurgo Jahvé (57):

o Arconte será destruído. E, então, o modelo da grande geração de Adão elevar-se-á, pois antes do céu, da terra e dos anjos, existe aquela geração que está acima do éon.

O Evangelho não se debruça com precisão sobre a redenção/salvação do homem corpóreo com a faúlha divina, mas o facto de especificar os verdadeiros gnósticos no paradigma de Judas, ao contrário dos demais discípulos no paradigma dos cristãos da Grande Igreja de então, com os seus ritos e sacramentos, significa que existe sempre a possibilidade de conversão da Grande Igreja dos psíquicos para o reino dos gnósticos espirituais.

²⁹ PIÑERO, António e TORRALAS-TOVAR Sofia - *Evangelho de Judas*. Lisboa: Ésquilo, 2006.



Bibliografia

BIANCHI, V., (ed.) - *Le origini dello gnosticismo. Colloquio di Messina, 13-18 Abril 1996*. Leiden: Brill, 1970.

GARCÍA BAZÁN, Francisco - *Gnosis. La esencia del dualismo gnóstico*. Buenos Aires: Castañeda, 1978

Idem - *Neoplatonismo-Gnosticismo-Cristianismo*. Buenos Aires: Fundación "Los Cedros", 1986.

Idem - *Plotino y la gnosis*. Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1981.

JONAS, H. - *Gnosis und spätantiker Geist*. Dois Vols. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1934.

Idem, *The Gnostic Religion*. Boston: Beacon, 1958.

LACARRIÈRE, Jacques - *Os Gnósticos*. Lisboa: Fim de Século, 2001.

MACGREGOR, Gedes - *Gnosis. A Renaissance in Christian Thought*. Illinois: Wheaton, 1979.

MAGRIS, Aldo - *La Logica del Pensiero Gnóstico*. Brescia: Morcelliana, 1997.

MANZANARES, Vidal - *Los evangelios gnósticos*. Barcelona: Martínez Roca, 1991.

ORBE, A. - *Introducción a la teología de los siglos II y III*. Roma: Univ. Gregoriana, 1955-1966.

Idem - *Cristología gnóstica*. Madrid: BAC, 1976.

PAGELS, Elaine - *Os Evangelhos Gnósticos*. Porto: Via Óptima, 1999.

PIÑERO, Antonio e MONTSERRAT TORRENTS, José e GARCÍA BAZÁN, Francisco - *Biblioteca de Nag Hammadi*. 3 Vols. Lisboa: Ésquilo, 2005.

PIÑERO, Antonio e TORALLAS-TOVAR, Sofia - *Evangelho de Judas*. Lisboa: Ésquilo, 2006.

RAMOS, José Augusto Martins - *O Evangelho segundo Tomé*. Lisboa: Estampa, 1992.

RIES, J. - *Les études gnostiques hier et aujourd'hui*. Louvain-la-Neuve: Centre d'Histoire des Religions, 1982.

RUDOLPH, K. - *Gnosis*. Edimburg: T. T. Clark, 1983.

RUDOLPH, Kurt - *Gnosis. The Nature & History of Gnosticism*. San Francisco: Harper San Francisco, 1987.

SCHOLER, D. - *Nag Hammadi Bibliography 1970-1994*. Leiden: Brill, 1997.

TARDIEU, M. e DUBOIS, J. - *Introduction à la littérature gnostique. I. Collections retrouvées avant 1945*. Paris: Cerf, 1986.



WAPNICK, Kennet - *Love Does Not Condemn. The World, the Flesh, and the Devil According to Platonism, Christianity, Gnosticism, and A Course in Miracles*. New York: Foundation for "A Course in Miracles", 1988.